

BOLETIM DO GEPELE

(Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguística Ecológica)



Número 14, 2023

ISSN 2763-7255



UnB

Programa de Pós-Graduação em Linguística

Departamento de Linguística

Instituto de Letras

Universidade de Brasília

Câmpus Universitário Darcy Ribeiro

CEP 70910-900 Brasília, DF

Organizadores

Hildo Honório do Couto
Anderson Nowogrodzki da Silva

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	3
2. MINIARTIGO	3
3. MINIRRESENHA	4
4. TESES, DISSERTAÇÕES E MONOGRAFIAS	5
5. PUBLICAÇÕES	11
6. INFORMAÇÕES	17
7. EVENTOS	18

1. INTRODUÇÃO

Aqui está o décimo quarto número de nosso *Boletim do GEPLÉ*. Como sempre, ele contém muitas informações de interesse para os ecolinguistas e simpatizantes. Além das matérias normais abrigadas nas seções “Miniartigo”, “Minirresenha”, “Teses, dissertações e monografias”, “Publicações”, “Informações”, “Palestras” e “Eventos”, o número contém uma novidade histórica para o Programa de Pós-Graduação em Linguística da UnB e para a linguística ecossistêmica. Trata-se da informação sobre uma proposta de dissertação de mestrado apresentada ao PPGL em 1980, sob o título de *Oi*. O programa não aceitou a dissertação talvez apenas por ter esse título, mas, hoje, sabemos que *oi* pode ser a porta de entrada para um belo estudo sobre as formas de cumprimento saudações, que são parte das interações comunicativas. Afinal, interação comunicativa é parte inalienável da versão de ecolinguística que praticamos, a linguística ecossistêmica. Os tempos são outros.

* * * * *

2. MINIARTIGO

OI

Hildo Honório do Couto
Universidade de Brasília

Quando fui para a Universidade de Brasília em junho de 1980, um colega que já estava lá me falou de modo um tanto pejorativo de uma candidata ao Mestrado que redigira uma dissertação intitulada *Oi* e queria submetê-la a uma banca de defesa. Ele se virou para mim e disse até um tanto revoltado: “Onde já se viu uma dissertação de Mestrado intitulada simplesmente *Oi*!”. Esse colega era bastante conservador e formado no clima do Estruturalismo de origem em Saussure, com algumas tinturas do Estruturalismo americano. Para ele era um escárnio alguém ousar apresentar uma dissertação de Mestrado com esse título.

Eu não cheguei a ler a dissertação, portanto, não sei que tratamento a autora dera à fórmula de tratamento *oi*. Como eu estava chegando na universidade, não dei muita atenção ao assunto, pois tinha muitas outras preocupações imediatas. Não considerei relevante a opinião do colega nem a existência de uma monografia acadêmica que estampava na capa apenas a expressão *Oi* como título.

Meu objetivo neste miniartigo é mostrar que *oi* é parte das saudações e cumprimentos correntes no português brasileiro, logo, um tipo de interação linguística bastante comum, revelador de tendências comportamentais na comunidade de fala em que é usado. Só por ser uma manifestação de interação comunicativa cristalizada já justificaria uma abordagem linguística, sobretudo pela Linguística Ecossistêmica, que vê a língua como interação. Para quem vê a língua primordialmente como sistema (*la langue* de Saussure), como era o caso do colega de UnB, trata-se de algo marginal da língua falada, que estava meramente no nível de *la parole* de Saussure, logo, não merecedor da atenção do linguista.

Após minha imersão no nova visão dos fenômenos da linguagem – a visão ecológica de mundo (VEM) – passei a perceber que saudações como *oi* são parte integrante da língua como interação comunicativa, portanto, é perfeitamente legítimo e importante iniciar a

pesquisa. É legítimo até mesmo investigar apenas os diversos usos de *oi*, como, por exemplo, nas interações adulto-criança, criança-criança, adulto-adulto, entre jovens etc. Como se vê, é um tratamento informal, íntimo. Em situações mais formais, pode-se usar *olá!* Enfim, uma investigação sobre *oi* poderia ser a porta de entrada para um estudo sobre a língua primordialmente como interação comunicativa, sendo o sistema coadjuvante no processo, não o contrário. Tanto que na Linguística Ecológica as regras interacionais abrangem a regras sistêmicas. É exatamente o contrário do que se vê na proposta de Saussure, em que a fala (*parole*, uso, interação comunicativa, comandada pelas regras interacionais) é uma aplicação da língua (*langue*, regras sistêmicas). Como sempre salientou Eugenio Coseriu, é justamente o contrário que acontece, ou seja, é o sistema que é forjado pelo linguista pela observação de como as pessoas se comunicam. Mas, Coseriu foi uma voz que clamava no deserto do Estruturalismo.

Voltando ao *oi*, a investigação sobre seu uso nas faixas etárias e nos diversos contextos sociais, regionais e grupais revelaria muita coisa sobre a língua viva, aquela que faz parte do dia a dia dos membros da comunidade de fala. Por exemplo, nas regiões rurais *oi* é usado como nas cidades? Se não, o que se usa no seu lugar? Qual é a origem da expressão? Em que época ela entrou no português? Na região do povoado de Major Porto, município de Patos de Minas (MG), se diz *ôôp* no lugar de *oi*, embora *oi* já esteja sendo usado também, certamente por influência da linguagem urbana, via meios de comunicação, como o rádio, a televisão, o telefone (inclusive o celular) e, mais recentemente, o WhatsApp, além das viagens de e para Patos e Minas e outras cidades.

Enfim, há muitas outras fórmulas de saudação inicial nos encontros que podem ser substituídas por *oi* nas situações mencionadas: *bom dia*, *boa tarde*, *boa noite*, *como vai?*, *tudo bem?*, *e aí?*, *olá!* etc. Além disso, temos as respostas às saudações, que fecham o ciclo de um ato de interação comunicativa que, por sua vez, pode fazer parte de um fluxo interlocucional (diálogo) maior.

Como se diz em um texto publicado na *Wikipedia* em português, “A palavra *oi* também é comumente empregada na forma interrogativa como expressão de dúvida, sendo utilizada quando não se entende o que foi dito por outra pessoa. Este uso é considerado deselegante, preferindo-se o uso de *como?* ou *perdão?*” (*Wikipedia*)

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Oi_\(interjei%C3%A7%C3%A3o\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Oi_(interjei%C3%A7%C3%A3o)).

* * * * *

3. MINIRRESENHA

Janet C.E. Watson; Jon C. Lovett; Roberta Morano (orgs.). *Language and Ecology in Southern and Eastern Arabia*. Londres: Bloomsbury, 2022 (Bloomsbury Advances in Ecolinguistics).

Minirresenhado por Hildo Honório do Couto (UnB/GEPL)

Os países árabes, sobretudo a Península Arábica, são tidos como áridos, inóspitos, com uma fauna e uma flora bastante pobres. Por isso é interessante o aparecimento de um livro que trata justamente das relações entre língua e meio ambiente nessas regiões.

Como se diz na divulgação do livro, as regiões do mundo com maiores índices de biodiversidade são tidas também como contendo uma grande diversidade linguística, sugerindo fortemente que as relações entre língua e ecologia são não só simbióticas mas

também espacial e temporalmente determinadas. Este livro examina como essas relações se veem em perigo e ameaçadas no sul e no leste da Arábia.

Investigando os modos pelos quais as línguas indígenas refletem a íntima interação que existe entre a população e seu meio ambiente, o livro apresenta um conspecto dos perigos e ameaças principais e introduz metodologias para investigá-las. Nos diversos capítulos são apresentados estudos de caso que tratam de língua, mímica, ecologia, o significado da nomeação, o papel de narrativas na relação língua-ecologia bem como a conservação e revitalização da diversidade biocultural na Arábia. Partindo de uma visão multidisciplinar, o livro defende o papel central que a língua exerce relativamente às ameaças e perigos à diversidade biocultural, além de apresentar métodos para o estudo da relação língua-natureza que podem ser aplicados de modo geral.

Para se ter uma ideia do livro eis o seu sumário:

Site da editora:

<https://www.bloomsbury.com/uk/language-and-ecology-in-southern-and-eastern-arabia-9781350184473/>

* * * * *

4. TESES, DISSERTAÇÕES E MONOGRAFIAS

4.1. **Mônica Cristina Soares Barretto.** *Aos ciganos, as estradas da língua: Uma viagem ecolinguística.* Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Fluminense, 2020, orientador Leonardo Ferreira Kaltner.

Resumo: A presente pesquisa tem como objetivo analisar o modo como a língua transita no território cigano e se mantém viva. Para tal, foi selecionado como fenômeno a ser observado o *modus dicendi*, que é o modo de se expressar de uma comunidade cigana católica no Estado do Rio de Janeiro. A dimensão cultural e espiritual é analisada a partir da devoção a Santa Sara Kali, e, a fim de contextualizar o uso específico da língua romani, analisamos em perspectiva historiográfica a diáspora cigana, sendo esse um traço identitário na relação entre língua e território de comunidades em deslocamento. Elegemos o seguinte corpus theoretical de análise: (a) uma oração de Santa Sara, para compreender a língua no âmbito espiritual; (b) o Hino cigano, que é universal entre seu povo; e (c) um samba-enredo do carnaval de 2020, que é a linguagem no estado puramente popular. Consideramos valiosos esses acréscimos como forma de vivenciarmos na prática como a língua é tratada. A fundamentação teórica e metodológica ancorou-se nos conceitos da Ecolinguística, nos desdobramentos dos conceitos espirituais e na técnica de Análise do Discurso Ecológica (ADE). A metodologia utilizada possibilitou a compreensão das noções de campo do território, povo e língua, no âmbito do meio ambiente religioso e espiritual aqui estudado. Houve uma relação de interdisciplinaridade para compararmos os conceitos aplicados em outras áreas. Foi possível observar, a partir da análise do corpus, como essas inter-relações se estabelecem principalmente no meio ambiente espiritual, mediante as orações e peregrinações. Ali, a fé é estruturada em uma linguagem própria e íntima com seus interlocutores. Após vivenciarmos as festividades nas comunidades ciganas católicas do Rio de Janeiro, pudemos aprofundar nossas reflexões vivenciando sua cultura e tradição, mergulhando

nos conceitos que, como arcabouço, nos deram respostas que agregaram muito a todo o processo de criação. Os dados analisados nesta pesquisa foram capturados em sites da internet, redes sociais e visitas de campo, com base na exposição e na fala dos ciganos, respeitando o silêncio em relação ao falar sobre a sua língua, uma característica que paira até os dias de hoje entre eles. Obtivemos resultados positivos com as análises e diálogos compartilhados nos territórios ciganos, frente ao que foi proposto, pois os elementos ecológicos, debatidos pela Ecolinguística, vão ao encontro da essência das comunidades ciganas, que é animista e tem nesta disciplina a oportunidade de se mostrar holisticamente. Perscrutamos a oração de Santa Sara, o hino cigano e o samba-enredo em homenagem e respeito a esse povo ao qual não se podem dispensar aplausos, por sua história de garra e perseverança, e através deles buscamos apresentar um pouco de cada fragmento mostrado ao longo da dissertação. Não obstante, a sensação ainda é de que falta muito mais a se falar, pois a bibliografia cigana é muito escassa, restando muitas lacunas a serem preenchidas. Disponível em:

[https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/15322/Monica%20Barretto%20MESTRADO%20Vers%C3%A3o%20Final%20Ciganos%20SET%202020%20\(1\).pdf?sequence=1](https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/15322/Monica%20Barretto%20MESTRADO%20Vers%C3%A3o%20Final%20Ciganos%20SET%202020%20(1).pdf?sequence=1)

* * * * *

4.2. Mariana Schuchter Soares. *Lieb Heimatland, Ade!: O apagamento dos traços língua-cultura-identidade alemães em Juiz de Fora/MG e a hegemonia da língua portuguesa.* Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2011.

Resumo: O objetivo deste trabalho é discutir o apagamento dos traços língua-cultura-identidade alemães em Juiz de Fora/MG. A partir de pesquisa etnográfica, com a realização de entrevistas semi-estruturadas, bem como de pesquisa documental, procuramos, com o aporte teórico da Ecolinguística (MUFWENE, 2001, 2008; COUTO, 2007, 2009), explorar e refletir sobre os possíveis aspectos ecológicos que podem ter influenciado esse apagamento linguístico-cultural na cidade, em meio ao processo de adaptação dos imigrantes à nova terra. O que acreditamos, portanto, é que esse apagamento se deu através de um processo longo e gradual, influenciado por vários fatores, inclusive pela hegemonia da língua portuguesa. Tal situação mostra-se bastante oposta ao que aconteceu em outras regiões do país, em que há visíveis marcas das variedades de língua alemã em seus dialetos (BORSTEL, 2011; PEREIRA, 2005), bem como heranças culturais dos imigrantes. Nesse sentido, este trabalho tem os seguintes objetivos principais: (i) identificar quais variedades de língua alemã chegaram em Juiz de Fora/MG; (ii) rastrear a história dos contatos linguísticos que aconteceram na cidade; (iii) identificar fatores ecológicos que possivelmente tiveram influência no processo de apagamento das variedades de língua alemã em Juiz de Fora/MG. Dessa forma, buscamos demonstrar que os imigrantes alemães foram levados a (re)construírem suas identidades, deixando para trás, ao longo do tempo, suas origens e, conseqüentemente, suas heranças linguístico-culturais.

Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/918>

* * * * *

4.3. Joshua Nash. *Insular Toponymies: Pristine place-naming on Norfolk Island, South*

Pacific and Dudley Peninsula, Kangaroo Island, South Australia. Thesis submitted in total fulfillment of the requirements for the degree of Doctor of Philosophy Masters of Environmental Studies. University of Adelaide, Australia, 2011.

Abstract: Placenames or toponyms have traditionally been of interest to history and philology but not linguistics. In toponymy there is a deficit of theory and methods which consider a linguistic analysis of toponym structure in parallel with a detailed cultural analysis of the socio-historical significance of toponyms and processes of toponymy. Documenting patterns of pristine toponymy, or toponymic knowledge in locations where people remember the locations and histories of people and events associated with extant placenames, seems a worthwhile endeavour in linguistically pristine island environments, i.e. islands that were uninhabited prior to colonisation. Conducting an empirical pristine toponymic study in isolated, small island situations, that have witnessed recent human habitation, involves analysing convenient and confined parameters.

In order to test the utility of pristine toponymy as a conceptual tool to observe relationships between toponyms as linguistic and cultural artefacts and their connection to specific pristine sociohistorical and natural island ecologies, this study used the toponymy of Norfolk Island, South Pacific as a main study and compared it to the toponymy of Dudley Peninsula, Kangaroo Island, South Australia. Applying linguistic and cultural levels of analysis, the official and unofficial toponymy of Norfolk Island was compared to the unofficial toponymy of Dudley Peninsula. The principal research question for the study sought to establish whether the difference between official and unofficial toponyms and processes of toponymy in the two island environments was a consequence of the degree of linguistic, cultural and ecological embeddedness of these toponyms and toponymic processes.

Norfolk Island (35 km²), 1700 kilometres east of Sydney, is an external territory of Australia. The linguistic situation on Norfolk is diglossic: English and Norf'k, the language of the descendants of the Bounty mutineers, are spoken. Both languages are present in the contemporary toponymic landscape on the island. Norfolk is a political and cultural anomaly in Australia and its anomalous nature is depicted in the unclear boundaries not only of its human history but also in the blurring of boundaries in its toponymic history as a result of distinct and changing patterns of land use and xiii differing linguistic and toponymic perceptions of the same geographical space. The presence of the Melanesian Mission on Norfolk Island from 1867 to 1920 and patterns of modern toponymy after the construction of the Norfolk Island airport in 1942 have had a marked effect on the history of Norfolk toponymy.

Dudley Peninsula (650 km²), the eastern peninsula on Kangaroo Island, is less remote and less politically and culturally anomalous than Norfolk. Dudley Peninsula was selected as an island comparative study to contrast principles of unofficial toponymy with unofficial Norfolk Island toponymy. Employing a comparative method also made it possible to ascertain the extent to which a nexus and theory of pristine toponyms, transparent versus opaque toponymic histories and the official versus unofficial status of toponyms is practical across two island toponymic case studies.

The study employed an ecolinguistic fieldwork methodology to gain large amounts of primary data. A taxonomy of four data sets was employed. These were topographical names, house names, road names and fishing ground names. The primary Norfolk data were coupled with secondary archival data (n = 1068) and analysed using general grammatical analyses, tagmemic analysis of Norfolk toponyms, spatial orientation analysis, analysis of official and unofficial toponyms and cultural analysis. The unofficial Dudley Peninsula data (n = 254) of topographical names and fishing ground names were analysed using general grammatical analysis and cultural analysis. A microtoponymic case study for each island situation was also presented and subsequently compared.

The results of this study revealed that the differences between official and unofficial toponyms can be accounted for by the establishment of typology involving four toponym categories: (1) common colonial forms, (2) official and unofficial descriptive toponyms, (3) unofficial names commemorating local people, and (4) unofficial and esoteric names commemorating local events and people. While these categories appear mutually exclusive and distinct, the blurring of boundaries between the effectiveness of these categories was extensive in Norfolk Island toponymy. The linguistic structure of unofficial Dudley Peninsula toponyms, while still governed by their cultural and ecological placement and existence, did not exhibit the same degree of boundary blurring and esoteric and xiv insider identity compared to Norfolk Island toponyms. It was claimed these differences in the linguistic, socio-cultural and ecological history in the two island environments were due to there being more political pressures for the Norfolk Island population on Norfolk Island to express their cultural allegiances to England and Tahiti through toponymy rather than through any marked connection to Australia as compared to Dudley Peninsula's clear political and social connection to (South) Australia. The overall results suggested a broad continuum within and between 'conscious toponymic wisdom' and 'unconscious toponymic wisdom', which is realised differently in the two locations with a tendency for more 'conscious toponymic wisdom' within Norfolk Island's toponymic ethos as compared to Dudley Peninsula's more 'unconscious toponymic wisdom'. It was argued that ecolinguistic fieldwork, which makes informants aware of the importance of their intricate knowledge of their local toponymy, is a productive means to foreground the significance of local, unofficial and esoteric toponymic knowledge by working with informants.

In conclusion, this thesis argued that the concept of insular toponymies, i.e. undertaking an analysis of toponyms based predominantly in the documentation and analysis of primary toponymic field data, was appropriate to describe the nature of toponymy in isolated and insular island societies. As a part of documenting the history of the Norfolk language, the importance of Norfolk toponyms to language contact studies, the role of islands to toponymic theory and the application of toponymy to island studies, this study used the term toponymic ethnography as a worthwhile concept within the parameters of this research and is arguably of benefit for future toponymic and cultural analyses.

Disponível em:

<https://digital.library.adelaide.edu.au/dspace/bitstream/2440/71015/8/02whole.pdf>

A tese foi convertida no livro *Insular Toponymies: Place-naming on Norfolk Island, South Pacific and Dudley Peninsula, Kangaroo Island*. Amsterdam: John Benjamins, 2013.

TABLE OF CONTENTS (Sumário)

Preface | pp. xi–xiv

Chapter 1. Insular Toponymies | pp. 1–10

Chapter 2. The Context | pp. 11–36

Chapter 3. Doing ecolinguistic fieldwork on islands | pp. 37–44

Chapter 4. Linguistic aspects of Norfolk Island toponymy | pp. 45–88

Chapter 5. Cultural aspects of Norfolk Island toponymy | pp. 89–96

Chapter 6. Linguistic aspects of Dudley Peninsula toponymy | pp. 97–108

Chapter 7. Cultural aspects of Dudley Peninsula toponymy | pp. 109–114

Chapter 8. Toponymic Ethnography | pp. 115–124

References | pp. 125–132

Appendix A. Norfolk Island Data | pp. 133–272

Appendix B. Dudley Peninsula Data | pp. 273–296

Index | pp. 297–302

Ver: <https://benjamins.com/catalog/clu.9>

* * * * *

4.4. Marcionilo Euro Carlos Neto. *Koroniago: Manifestação etnolinguístico-cultural de uma coínê “nipo-brasileira”*. Tese de Dourorado, Universidade Fluminense, 2020, Orientadora: Mônica Maria Guimarães Savedra.

Resumo: O presente trabalho investiga a koroniago – variedade linguística decorrente do contato entre a língua japonesa e a língua portuguesa no contexto imigratório brasileiro – numa perspectiva sociolinguística, buscando evidenciar, através de obras escritas por nipobrasileiros, traços de nipobrasilianidade existentes nas palavras dessas produções escritas. Com base na localidade comum e na formação étnica dos indivíduos, propomos termos e/ou mudanças terminológicas tais como “nipobrasileiros”, de maneira aglutinada, bem como “nipopaulistas” e “nipofluminenses”, objetivando salientar a nipobrasilianidade intrínseca desses sujeitos no contexto dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, sobrelevando, também, a importância desses indivíduos para a formação identitária multiétnica de nosso país. Discutimos a história do Japão com ênfase na imigração nipônica para as terras brasileiras, assim como compendiamos fatores relevantes da língua japonesa, situando o leitor de nosso trabalho diante de nosso objeto de estudo: a variedade da língua japonesa usada por nipobrasileiros nos estados supracitados. Fundamentamos nossa discussão nos conceitos e efeitos do contato linguístico (HAUGEN, 1979; THOMASON, 2001; MUFWENE, 2004, 2008; TRUDGILL, 1986.), assim como na perspectiva ecológica da linguagem, ou seja, na área dos estudos de linguagem denominada Ecolinguística (COUTO, 2007, 2009, 2015, 2016a, 2016b; MUFWENE, 2001, 2016; SAPIR, 2016; HAUGEN, 2016) que leva em consideração as inter-relações estabelecidas entre organismos de uma determinada área, seu habitat/território e as interações comunicativas que eles estabelecem nos diferentes ecossistemas que formam, entre eles, o ecossistema linguístico. Discutimos os processos

de formação de uma coiné (SIEGEL, 1985; TRUDGILL, 1986, 2004, 2008; KERSWILL & WILLIAMS, 2000, 2005 e 2007; KERSWILL, 2010), objetivando explicar e relacionar, de certa maneira, a formação da koroniago a uma coiné nipobrasileira que possui um papel identitário saliente para os seus falantes. A metodologia de nosso estudo se baseou no modelo de testes de inteligibilidade dialetal estabelecidos por Casad (1974, 2005) que permitem aferir a distância e/ou proximidade de variedades linguísticas inteligíveis, assim como em questionamentos realizados de maneira on-line, através do modelo de questionário, para evitar a influência do pesquisador nas respostas dos informantes. Construímos questionários de identidade nipobrasileira, bem como testes de inteligibilidade através dos quais pudemos testar o grau de compreensão e inteligibilidade dos informantes a respeito da variedade linguística investigada. Os resultados apontam a distância dialetal existente entre a koroniago no nível lexical e o japonês padrão, já que há um baixo grau

de inteligibilidade pelos informantes japoneses nos léxicos levantados na investigação. O teste de inteligibilidade também corrobora com a premissa da existência latente de traços de nipobrasilianidade nas obras investigadas, já que os informantes nipobrasileiros apresentam, de modo geral, um alto grau de inteligibilidade em relação aos vocábulos testados. A pesquisa também logrou evidenciar que a maioria dos nipobrasileiros conhece o termo “koroniago”, enxergando-a como uma variedade linguística nipobrasileira com características *sui generis*, principalmente, no nível lexical, sobrelevando que a referida variedade vem passando por constantes mudanças com o passar do tempo. Disponível em:

<https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/14610/Tese%20UFF%20vers%C3%A3o%20REVISADA%2014%20de%20julho%20de%202020%20com%20ficha%20cat%C3%A1logo%20equilibrado%20e%20com%20resumo%20em%20portugu%C3%AAs%20e%20ingl%C3%AAs%20e%20em%20japon%C3%AAs.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

* * * * *

4.5. Maiara Macedo Assis. *Ensino de português em contexto italiano: Sequência didática para estudo da literatura brasileira e representação da interculturalidade sob o viés da análise do discurso ecossistêmica (ADE)*, sob a orientação de Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto, na Universidade Federal de Goiás, 2023. Em breve estará disponível no Repositório Institucional da UFG.

Resumo: A pesquisa aqui apresentada está inserida no projeto “Epistemes e tradições linguísticas e literárias para o ensino de português brasileiro em contexto italiano”, vinculado ao Grupo de Pesquisa/UFG-CNPq “Rede de estudos da língua portuguesa ao redor do mundo” e ao projeto “REDE/Itália – O português brasileiro em contexto italiano: aspectos sociais, políticos e linguísticos”. O objetivo geral do REDE/Itália é oferecer subsídios para o ensino de português brasileiro como língua estrangeira nas instituições italianas envolvidas, bem como promover a integração entre os pesquisadores do PPGL-UFG e de universidades italianas. Tendo em vista a inserção da pesquisa neste contexto maior, tem-se como objetivo específico a apresentação de uma sequência didática que contemple um recorte da literatura brasileira como sugestão ser aplicada nas universidades italianas. Dessa forma, propõe-se aqui a leitura de contos pertencentes a autores, movimentos literários e contextos históricos diferentes – abrangendo o cânone e a contemporaneidade – sob o viés da Literatura e da Análise do Discurso Ecossistêmica (ADE). Assim sendo, os textos literários escolhidos são: Um homem célebre (Machado

de Assis), Meu tio o Iauaretê (Guimarães Rosa), A menor mulher do mundo (Clarice Lispector) e Yamami (Marcelino Freire), sendo que a análise de todos eles é perpassada pelas ideias do Manifesto Antropófago (Oswald de Andrade), evidenciando a representação da interculturalidade e a relação existente entre língua, literatura e cultura.

* * * * *

4.6. Marthleen Katrinny Gomes da Conceição. O processo penal e a linguística ecossistêmica: As regras interacionais e sistêmicas na arguição dos promotores de justiça à luz do julgamento do caso Bernardo Boldrini.

(Trabalho acadêmico de caráter monográfico, realizado com vistas à obtenção de graduação de bacharel em Direito junto ao Instituto de Ciências Jurídicas da Universidade Federal de Roraima, 2022. Orientado por Gustavo Américo e Gustavo Américo Máximo Santana Costa e coorientado **Maria Ivone Alves da Silva**).

* * * * *

5. PUBLICAÇÕES

5.1. Livros

5.1.1. Eraldo Medeiros & Costa Neto & Elis Rejane Santana da Silva (orgs). *Ecologia espiritual: Integrando natureza, humanidades e espiritualidades*. Ponta Grossa-PR: Atena, 2022 (e.book). O capítulo 6, p. 84-91 “Ecologia profunda”, de Hildo Honório do Couto, é de interesse para os praticantes de ADE. O DOI do capítulo é:

(<https://doi.org/10.22533/at.ed.3532218026>)

URL do livro: <https://www.atenaeditora.com.br/catalogo/ebook/ecologia-espiritual-integrando-natureza-humanidades-e-espiritualidades#:~:text=%E2%80%9CA%20Ecologia%20Espiritual%20prop%C3%B5e%20que,%2C%20a%20da%20crise%20espiritual%E2%80%9D>.

5.1.2. Daniela Francesca Viridis. *Ecological Stylistics: Ecostylistic Approaches to Discourses of Nature, the Environment and Sustainability*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2022.

Este livro reflete a vanguarda nas abordagens ecostilísticas da natureza, do meio ambiente e da sustentabilidade presentes no discurso não literário contemporâneo. Em primeiro lugar, o livro apresenta os conceitos ecolinguísticos e estilísticos e as teorias utilizadas em uma análise ecostilística e passa em revista a literatura mais recente no campo da ecostilística. Em segundo lugar, o livro examina as ocorrências de cinco palavras-chave (natureza, meio ambiente, ecossistema, ecologia, sustentabilidade) nos sites de cinco organizações e agências ambientais (Forestry England, Greenpeace International, National Park Service, Navdanya International, World Wide Fund for Nature). O principal objetivo de pesquisa deste estudo é identificar discursos benéficos no ambiente e investigar as estratégias ecostilísticas benéficas utilizadas para produzi-los. Acima de tudo, este livro nos lembra, a nós humanos, que não estamos separados da natureza, mas fazemos parte dela. O livro será de interesse para estudiosos de estilística, ecolinguística e ecocrítica, bem como estudiosos de análise do discurso, comunicação ambiental e ciências humanas ambientais em geral.

Table of contents

Introduction: Towards an Ecological Stylistics	1-28
Ecostylistics, Ecolinguistics and Stylistics: A Theoretical Overview	29-86
Nature	87-110
Environment	111-136
Ecosystem	137-159
Ecology	161-184
Sustainability	185-217
Summary and concluding remarks	219-242

Email da Editora: <https://link.springer.com/book/10.1007/978-3-031-10658-3#toc>

5.1.3. **Marina Arratia Jiménez.** *Lengua quechua, conocimiento etnoecológico y biodiversidad*: una exploración desde la ecolinguística. La Paz: Plural Editores, 2023.

Acaba de sair na Bolívia este livro de Marina Arratia Jiménez, que é uma aplicação da ecolinguística, mais especificamente da linguística ecossistêmica, à questão etnoecológica e biodiversa da língua quéchuá, com foco na comunidade de Chuñu Chuñuni. O livro pode ser uma boa fonte para o estudo da linguística ecossistêmica em geral, em espanhol. Uma resenha detalhada sairá em ECO-REBEL v. 9, n. 2, 2023. Eis o sumário do livro:

Prólogo	11
Introducción	13
i. Biodiversidad y diversidad cultural y lingüística cruzando fronteras disciplinares.....	17
ii. Más allá de la dicotomía naturaleza - cultura.....	25
iii. Ecolingüística: la relación lengua y medio ambiente.....	31
1. Antecedentes.....	31
2. La lingüística ecossistêmica	34
3. Etnoecología lingüística	36
iv. El ecosistema integral de la lengua Una exploración al contexto de habla	39
1. Territorio	40
1.1 Los habitantes del entorno natural	41
1.2 Cosmovisión e interacción con el entorno natural.....	49
1.3 Los cambios en el territorio	54
2. Pueblo	57
2.1 Movilidad humana y estrategias de vida.....	57
2.2 Gestión del territorio y organización comunal.....	61
3. Lengua	68
3.1 Antecedentes históricos sobre las lenguas nativas en la localidad.....	69

3.2 Ambitos de uso de la lengua quechua y del español.....	69
3.3 Lengua y movilidad humana	73
v. Biodiversidad de papa: el tesoro de los andes	77
1. La biodiversidad de papa en la ciencia agronómica.....	77
2. La biodiversidad de papa en Bolivia.....	78
3. La biodiversidad de papa en la comunidad Chuñuchuñuni.....	81
3.1 Registro físico de variedades de papa.....	81
3.2 Variedades cultivadas por las familias.....	83
3.3 La pérdida de la biodiversidad de papa y sus causas....	85
vi. Conocimiento etnoecológico codificado en la lengua quechua	91
1. El nombramiento de las papas	92
1.1 Historia y evolución de los nombres	96
1.2 Nombres y significados de las papas.....	97
2. Características de la biodiversidad de papa en el lenguaje especializado del quechua	102
2.1 Apariencia física de las papas.....	103
2.2 Cualidades de las papas.....	109
2.3 Usos y destinos de la papa	112
3. Conocimientos sobre el cultivo de la biodiversidad de papa.....	114
3.1 Rotación de aynoqas: agricultura itinerante	115
3.2 La conexión entre ecosistemas, suelos y biodiversidad de papa.....	121
3.3 El ciclo agrícola	128
4. Propiedades del conocimiento etnoecológico codificado en la lengua quechua.....	146
4.1 Ontología del conocimiento: la relación humanos y no-humanos	147
4.2 Red de conceptos etnoecológicos.....	152
4.3 Cualidades del conocimiento etnoecológico	155
5. A modo de conclusión: sobre la conexión lenguaje y medio ambiente natural	159
vii. Reflexiones finales. La importancia ecológica de las lenguas indígenas	163
1. La visión ecológica del mundo en las lenguas indígenas....	163
2. Nichos de vitalidad de las lenguas indígenas en el contexto de la globalización.....	166
3. Desafíos: Hacia un enfoque integral de la revitalización de las lenguas indígenas	170

Referencias..... 173

Sobre a editora (site e email):

Plural Editores, de La Paz, Bolívia: Plural editores Av. Ecuador 2337 esq. c. Rosendo Gutiérrez

Teléfono: 2411018 / Casilla 5097 / La Paz, Bolivia

e-mail: plural@plural.bo / www.plural.bo

Este livro será publicado em ECO-REBEL v. 10, n. 1, 2024.

* * * * *

5.1.4. Livros da série Bloomsbury Advances in Ecolinguistic, da Editora Bloomsbury, dirigida por Arran Stibbe e Mariana Roccia.

5.1.4.1. Publicados

-Jason Goulah and John Katunich. *TESOL and sustainability*.

-Anthony Nanson. *Storytelling and Ecology*.

-Robert Poole. *Corpus-Assisted Ecolinguistics*.

-Janet C.E. Watson, Jon C. Lovett and Roberta Morano. *Language and Ecology in Southern and Eastern Arabia*.

5.1.4.2. A sair

-Gavin Lamb. *Multispecies Discourse Analysis*.

-Maria Bortoluzzi and Elisabetta Zurru. *Ecological Communication and Ecoliteracy*.

-Emile Farmer. *Ecolinguistics and Environment in Education*.

-Sune Vork Steffensen, Stephen Cowley, and Martin Döring. *Language as an Ecological Phenomenon*.

-Douglas Mark Ponton. *Ecolinguistics in the Modern World*.

-Eszter Szenes. *Language as an Ecological Phenomenon*.

-Ruihua Zhao and Guowen Huang. *Harmonious Discourse Analysis*.

* * * * *

5.2. Revistas

Acaba de sair um número especial da revista chinesa *Journal of world languages* v. 8, n. 3, 2022, monotematicamente dedicado à estilística. Publicada por De Gruyter Mouton, a revista é organizada por He Wei (Universidade de Estudos Estrangeiros de Beijing), mas a editora convidada deste número é Daniela Francesca Viridis (Universidade de Cagliari, Itália). Para se ter uma ideia de seu conteúdo, eis o Sumário:

Editorial

Special Issue: Ecostylistics: Texts, methodologies and approaches

Guest Editor: Daniela Francesca Viridis Editorial Daniela Francesca Viridis Ecostylistics: Texts, methodologies and approaches435

Research Articles

1) Andrew Goatly

Five themes for ecostylistics 443

2) Elżbieta Chrzanowska-Kluczevska

Lost landscapes of childhood: An ecostylistic analysis of The Issa Valley486

3) Daniela Francesca Viridis

Opposition in ecological discourse: An ecostylistic scrutiny of speakGreen ecological posts	515
4) Esterino Adami	
PLACE IS TEXT: Representing the architecture of landscape, the human and nonhuman in Arundhati Roy's prose	546
5) Karolien Vermeulen	
Growing the green city: A cognitive ecostylistic analysis of Third Isaiah's Jerusalem (Isaiah 55–66)	567
6) Salvador Alarcón-Hermosilla	
Ambience and nature in travel writing: An ecostylistic study of The Old Patagonian Express and Eastward to Tartary	593
7) Maria-Eirini Panagiotidou	
Paradise lost: Cognitive grammar, nature, and the self in Diane Seuss's ekphrastic poetry	623

Book Review

Monica Turci & Daniela Francesca Viridis.

Ecological stylistics: Ecostylistic approaches to discourses of nature, the environment and sustainability 645.

Aqui está a homepage da revista:

<https://www.degruyter.com/journal/key/jwl/8/3/html>

Endereço para submeter textos:

<https://www.editorialmanager.com/rwol/default2.aspx>

5.3. Artigos

5.3.1 Tadeu Luciano Siqueira Andrade. A interação em audiências em contexto forenses: propostas para uma Ecolinguística Jurídica. *Revista da Escola da Magistratura do TRF da 4ª Região* n. 22, 2022 (não há paginação).

https://www.trf4.jus.br/trf4/controlador.php?acao=pagina_visualizar&id_pagina=1336#EDICAO

5.3.2. Vera Lúcia Santos Alves & Moab Duarte Acioli. Poesia na prosa: a dobra ecolinguística no jornalismo literário contemporâneo. *Filologia e Linguística Portuguesa*, v. 23, n. 1, p. 105-124, 2021.

<https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/174542/178379>

5.3.3. Judith Ainsworth. An Ecolinguistic Discourse Approach to Teaching Environmental Sustainability: Analyzing Chief Executive Officer Letters to Shareholders. *Business and Professional Communication Quarterly (BPCQ)* volume 84, issue 4, 2021.

<https://doi.org/10.1177/23294906211025498>

5.3.4. Iago Gusmão Santiago (gusmaoiago@gmail.com), **Stephanne da Cruz Santiago** (stephannesantiago@gmail.com) & **Liliane Lemos Santana Barreiros** (lilianebarreiros@uefs.br). Do ecossistema linguístico ao cultural: Estudo das anotações climáticas do escritor Eulálio Motta. *Revista Philologus*, Ano 28, n. 82 (CiFEFiL), p. 101-11, 2022. Disponível em:

<https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/1134>

5.3.5. Valdeni Venceslau Bevenuto (venceslaubevenuto@gmail.com), **Marcus Metri Corrêa** (marcus.metri@gmail.com), **Luciano Pires de Andrade** (luciano.andrade@ufape.edu.br). O lugar da questão ambiental e dos sistemas produtivos

biodiversos de base agroecológica no livro didático ‘Conhecendo o semiárido’. *Revista Gestão e Conhecimento* v. 16, n. 2, p. 737-759, 2022. Disponível em:

<https://revistagc.com.br/ojs/index.php/rgc/issue/view/22>

5.3.6. Marcelo Conceição da Rocha Campos & Eliana do Socorro de Brito Paixão.

Ecolinguística: Uma boa prática de educação ambiental para o ambiente vivido na Amazônia amapaense. *Revista praxis educacional* v. 15, n. 33, p. 498-516, 2019. Disponível em:

<https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/5301/3986>

5.3.7. Sirlene Antonia Rodrigues Costa (sirleneletras@bol.com.br). Festival do Çairé/Sairé em Alter do chão: O homem, o lugar e a língua. *Revista de letras* v. 37, n. 2, p. 270-282, 2018. Disponível em:

<http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/view/59011>

5.3.8. Jorge Lucas Marcelo dos Santos & Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto.

Análise ecossistêmica do conto ‘O menino em fuga’, de Anatole Ramos: Mitigação de culpa e a deslegitimação do outro. *Revista EntreLetras* v. 13, n. 3, p. 169-186, 2022. DOI10.20873/uft2179-3948.2022v13n3p169-186

<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/13766/20957>

5.3.9. Thiago Evangelista Evangelista. Comentário crítico sobre o ensino de Português para Estrangeiros em uma perspectiva ecolinguística. *Revista de estudos do português língua internacional* v. 2, n. 1, p. 89-94, 2022.

<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/repli/article/view/63805/42968>

5.3.10. Ruijie Zhang, The year’s work in ecolinguistics 2021. *Journal of World Languages* v. 8, n.1, p. 141-163, 2022.

<https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/jwl-2022-0009/html?lang=en>

<https://doi.org/10.1515/jwl-2022-0009>

Este artigo do grupo ecolinguístico chinês, é um bom apanhado geral sobre o que vai pelo mundo em termos de ecolinguística. Ele faz uma boa apresentação da linguística ecossistêmica, da análise do discurso ecossistêmica e fala do movimento ecolinguístico brasileiro.

5.3.11. Mônica Cristina Soares Barretto (UFF). Ciganos: filhos do vento, transeuntes errantes na ecologia da língua. Anais do XVI JNLFLP (Jornada Nacional de Linguística e Filologia de Língua Portuguesa).

<https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/927/1171>

* * * * *

5.4. Capítulos de livro

5.4.1. Maria de Fátima Noronha¹ & Manuel Célio Conceição². Terminological Variation and Communicative Mediation Within the Context of Specialised Discourse – an Ecolinguistic Approach. In: Roxana-Maria Nistor, Camelia Teglaş, Roxana Mihele, Raluca Zglobiu-Sandu (orgs.) *Limbajele specializate în contextul noilor medii de învățare: Provocări și oportunități*. Cluj-Napoca, Romênia: Presa Universitară Clujeană (Universitatea Babeș-Bolyai), p. 153-168, 2020. Disponível em:

https://www.academia.edu/44935842/LIMBAJELE_SPECIALIZATE_%C3%8EN_CO NTEXTUL_NOILOR_MEDII_DE_%C3%8ENV%C4%82%C8%9AARE_Provoc%C4%83ri_%C8%99i_oportunit%C4%83%C8%9Bi

¹Lecturer, Centro de Investigação em Comunicação e Artes (CIAC), Universidade do Algarve.

²Associate Professor with tenure Centro de Investigação em Comunicação e Artes (CIAC), Universidade do Algarve.

Trata-se de uma investigadora e um investigador de Portugal que estão publicando um ensaio na Romênia, usando em parte a Linguística Ecológica.

5.4.2. Hildo Honório do Couto. Colonization and the emergence and spread of indigenous lingua francas in Africa, the Americas, and Asia. In: MUFWENE, Salikoko S.; ESCOBAR, Anna María (orgs.). *Language contact*, vol. 2: Multilingualism in population structure. Cambridge: Cambridge University Press, p. 429-451, 2022. O texto contém uma seção sobre a teoria da linguística ecossistêmica e discute a questão das línguas francas dessa perspectiva.

Site de editora:

<https://www.cambridge.org/br/universitypress/subjects/languages-linguistics/sociolinguistics/cambridge-handbook-language-contact-volume-2-multilingualism-population-structure?format=HB>

5.4.3. Tadeu Luciano Siqueira Andrade. Os crimes contra a honra do Direito Penal brasileiro à luz da Análise do Discurso Ecológica. In: SANTORO, Antônio E. Ramires; SILVA, Flávio Mirza da; GUEDES, Maurício Pires; SILVA, Rogério Borba da (orgs.). *Reflexões sobre Direito e sociedade*. Deerfield Beach, FL: Membroke Collins, p 242-256, 2022.

5.4.4. Tadeu Luciano Siqueira Andrade. Uma “ditadura linguística”: a linguagem neura e suas implicações na interação à luz da Linguística Ecológica e dos direitos linguísticos. In: Amanda Lourenço, Clarissa Bottega, Darlan Moulin, Elcias Silva, Mariana Gomes de Oliveira (orgs.). *Olhares jurídicos da educação*. Deerfield Beach, FL: Pembroke Collins, p. 249 -266, 2023.

5.4.4. Ana Cecília Estellita Lins & Rodrigo do Prado Sateles. A sacralidade da natureza em ‘A Profecia Celestina’. In: Eraldo Medeiros Costa Neto, Claudia Nunes Santos, Dídac Santos-Fita (orgs.). *Sacralidade na natureza: um olhar a partir de múltiplas tradições ecoespiritualistas*. Feira de Santana: Editora Zarte, p. 77- 101, 2023. [A seção 3 do capítulo se intitula “Definição e princípios da Análise do Discurso Ecológico – ADE”, que contém uma boa síntese da teoria].

* * * * *

6. INFORMAÇÕES

6.1. Defesa de dissertação de mestrado

-No dia 15 de fevereiro de 2023 foi defendida a dissertação de Mayara Macedo Assis, intitulada *Ensino de português em contexto italiano: Sequência didática para estudo da literatura brasileira e representação da interculturalidade sob o viés da análise do discurso ecossistêmica (ADE)*, sob a orientação de Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto, na Universidade Federal de Goiás (ver Resumo na seção).

6.2. Ecolinguistics Bibliography. Bibliografia de Ecolinguística criada por Robert Poole em 2022 e que já contém 517 entradas:

https://www.zotero.org/groups/4469955/ecolinguistics_bibliography

* * * * *

6.3. Ecolinguística na China

6.3.1. Center for Ecolinguistics

https://sfs.scau.edu.cn/sfs_en/6475/list.htm

Criado em 2016, o Centro de Ecolinguística da Faculdade de Estudos Estrangeiros da Universidade de Agricultura do Sul da China, sob a liderança de Huang Guowen. E-mail: ecoling@yeah.net / ecoling@126.com

6.3.2. Research Team of Ecolinguistics

https://sfs.scau.edu.cn/sfs_en/6477/list.htm

O Grupo de Pesquisa em Ecolinguística foi estabelecido em 2016. Ele é constituído por 26 docentes. Os temas ecolinguísticos a que o grupo se dedica são basicamente investigação sobre a natureza dos estudos ecolinguísticos e da análise do discurso ecológica. Os membros do grupo já publicaram cerca de 30 ensaios, entre livros, capítulos de livros, artigos etc.

* * * * *

7. EVENTOS

7.1. Em 31 de março de 2023, haverá o seminário *online* **Language and Ecology: Texts, Methodologies and Approaches**, das 16 às 18 horas (hora de Roma) pelo Zoom. O evento é patrocinado pela Università di Cagliari, Itália. foram discutidas as relações entre língua e ecologia a partir de suas diferentes perspectivas disciplinares complementares por Malgorzata Drewniok (University of Lincoln), Jana Pelclová (Masaryk University), e Robert Poole (University of Alabama). A moderadora será Maria Bortoluzzi (Università di Udine). O endereço para participar do evento é (é necessário se inscrever):

<https://us06web.zoom.us/meeting/register/tZYlcumsrTwsGdwxilZ5850fw-1drx3dZpQL>

* * * * *

7.2. Quinta reunião do GEPLÉ

No dia 18 de maio de 2023, 10h, na sala 35 do PPGL, realizada a quinta reunião do GEPLÉ, com nove participantes. Cinco compareceram presencialmente. São eles: Altair Martins Gomes (SEED-DF), Djiby Mane (UnB), Gilberto Paulino de Araújo (UFT), Hildo Honório do Couto (UnB), Tadeu Luciano Siqueira Andrade (UESB-Jacobina). Quatro participaram remotamente, de lugares os mais variados e distantes: David Borges de Albuquerque participou a partir da Universidade de Nankai, Tianjin, China; Maria Ivone Alves da Silva, da Universidade Federal de Roraima (UFRR); Valdeni Venceslau Dias, da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE); Maria Luiza de Castro da Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

Abaixo temos algumas imagens mostrando os participantes. A gravação do encontro está disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/1vrW-hSbNpEt1-joPEiFW8ASL7U2i8Zny/view?pli=1>

